

Comunicação & Cultura

n.º 1 | primavera-verão 06

Título

COMUNICAÇÃO & CULTURA

Directora

Isabel Capelo Gil

Editor

José Alfaro

Conselho Consultivo

Gabriele Brandstetter (Freie Universität Berlin), Elisabeth Bronfen (Universität Zürich), Marcial Murciano (Universitat Autònoma de Barcelona), Christiane Schönfeld (Huston School of Film, National University of Ireland), Michel Walrave (Universiteit Antwerpen)

Conselho Editorial

Aníbal Alves, Carlos Capucho, Estrela Serrano, Fernando Ilharco, Gustavo Cardoso, Horácio Araújo, Isabel Ferin, José Augusto Mourão, José Miguel Sardica, José Paquete de Oliveira, Manuel Pinto, Maria Augusta Babo, Maria Luísa Leal de Faria, Mário Jorge Torres, Roberto Carneiro, Rogério Santos

Conselho de Redacção

Carla Ganito, Catarina Duff Burnay, Fátima Patrícia Dias, Maria Alexandra Lopes, Nelson Ribeiro, Rita Figueiras, Verónica Policarpo

Arbitragem deste número

Aníbal Alves, Fernando Ilharco, Horácio Araújo, Isabel Ferin, José Miguel Sardica, Manuel Pinto, Maria Augusta Babo, Maria Luísa Leal de Faria, Mário Jorge Torres, Roberto Carneiro, Rogério Santos

Edição

Com uma periodicidade semestral, *Comunicação & Cultura* é uma revista da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, editada pela editora Quimera

Artigos e resenhas

A revista *Comunicação & Cultura* aceita propostas de artigos para publicação que se enquadrem na área das Ciências da Comunicação e da Cultura. Todos os elementos relativos a essas colaborações – normas de apresentação de artigos, temas dos próximos números, princípios gerais de candidaturas, contactos e datas – devem ser consultados no final desta publicação

Assinatura anual

Custo para Portugal e Espanha: 20 euros. Para outros países, contactar a editora. Os pedidos de assinatura devem ser dirigidos à editora Quimera: quimera@quimera-editores.com | www.quimera-editores.com | R. do Vale Formoso, 37, 1959-006 Lisboa | telefone: 21 845 59 50 | fax: 21 845 59 51

Revisão

Conceição Candeias

Impressão

Rolo & Filhos II, SA

Depósito legal: 244547/06

ISSN: 1646-4877

Comunicação
& Cultura

n.º 1 | primavera-verão 06

A cor dos media

Índice

Editorial – Quem somos e o que queremos	9
ISABEL CAPELOA GIL	
Introdução – A cor dos <i>media</i> : mediação, identidade e representação.....	13
ISABEL CAPELOA GIL	
artigos	19
Identidade cultural e diáspora.....	21
STUART HALL	
Hibridação e aventura humana	37
ROBERTO CARNEIRO	
<p>No presente artigo retomo e desenvolvo um anterior artigo sobre hibridação cultural. Começo por relacionar globalização e cultura, evidenciando como a convivência intensa de matrizes culturais pode levar a uma essencialização de identidades ou, ao invés, ao aprofundamento de interculturalidades híbridas. De seguida, argumento com a “planura” do mundo para vencer as concepções hegemónicas de cultura e gerar uma arquitectura nova de sociedade</p>	

em rede, feita de espaços públicos e comunicacionais. Neste quadro, advogo para Portugal uma dupla hibridação, a de recuperação e a de antecipação. Refiro depois a grande oportunidade de aprofundamento dos 3+1 capitais a partir de uma gestão inteligente e humana dos novos fenómenos migratórios, para concluir citando o papel da aventura humana, na miscigenação e no policromatismo, em ordem à criação de sentido.

Palavras-chave: Globalização cultural, Hibridação, Identidade, Interculturalidade, Migrações, Sentido

Identidade e identidades na ficção televisiva nacional – 2000-2006 57

CATARINA DUFF BURNAY

A ficção televisiva, nomeadamente a telenovela, tem funcionado, ao longo dos anos, como agente definidor de grelhas de programação, arrastando audiências de forma transversal. A sua força emocional e o seu estatuto melodramático têm permitido as maiores transformações no mercado televisivo nacional, que assiste, a partir de 1992, ano de aparecimento dos dois canais comerciais nacionais, a um aceso clima concorrencial. Desde essa altura, mantêm-se as guerras pela audiência, recorrendo-se à transmissão de formatos inovadores, à contratação de novos rostos e à transmissão de séries e telenovelas. Mas se, numa primeira fase (1992-2000), as estações desenvolveram a sua programação em torno da ficção brasileira, já enraizada no imaginário português desde 1977 (*Gabriela* pela RTP1), numa segunda fase (2000-2006), a programação tem sido desenvolvida em torno das séries e telenovelas portuguesas. Este *volte-face* nas tendências de gosto levaram-nos a colocar uma hipótese sobre a importância da ficção televisiva no estabelecimento de fronteiras simbólicas e identitárias do espaço e do tempo nacionais, a partir de 2000. O presente artigo reúne algumas reflexões preliminares sobre a temática.

Palavras-chave: Estudos de recepção, Ficção televisiva, Género, Identidade/Identidades, Produção, Telenovela

Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão 73

ISABEL FERIN

Este artigo tem como objectivo analisar, de forma exploratória, como mulheres brasileiras e ciganas se apropriam de notícias televisivas sobre temáticas em que estão referenciadas. Inicia-se a exposição fazendo um resumo das teorias que ao longo destas últimas décadas se debruçaram sobre a relação entre os *media* e as minorias. Analisam-se, em seguida, duas notícias-tipo, uma sobre prostituição e outra sobre realojamentos em bairros de etnia cigana, intercaladas com as apropriações dos respectivos grupos. Para a aná-

lise das peças noticiosas, recorreu-se às Teorias da Imagem, na perspectiva da construção técnica, enquanto para o levantamento das apropriações são utilizadas metodologias qualitativas, enquadradas nas Teorias da Recepção. Conclui-se que as formas de apropriação dos conteúdos estão, independentemente do momento de visualização, relacionadas com as trajectórias de vida e vivências das mulheres entrevistadas, suscitando oposição, adesão ou negociação dos sentidos veiculados.

Palavras-chave: Análise da televisão, Consumos e usos dos *media*, *Media* e minorias, Recepção dos *media*

Brasileiros e ciganos no *prime-time* português: estudo de caso 99

CATARINA VALDIGEM

Neste artigo apresentamos dados relativos à representação dos brasileiros e dos ciganos no *prime-time* televisivo português, referentes aos três principais canais de sinal aberto (RTP1, SIC e TVI), durante um período que vai de 4 de Março a 22 de Maio 2004. Aplicando uma metodologia de análise multidisciplinar aos conteúdos televisivos, com a ajuda do SPSS, concluímos que a representação dos brasileiros esteve determinada pelas agendas e pelos acontecimentos de grande projecção mediática, como o Euro 2004 e o Rock in Rio Lisboa, e que as escassas imagens televisivas dos ciganos sugerem uma tendência para representar negativamente este grupo.

Palavras-chave: Análise de conteúdo, Géneros televisivos, Minorias, *Prime-time*, Representação, Televisão

A problemática da “identidade” e o lugar do “património” num mundo crescentemente cosmopolita 117

MARGARIDA LIMA DE FARIA E RENATA ALMEIDA

O conceito de identidade tem vindo a adquirir uma importância acrescida nas discussões culturais e políticas da actualidade, sobretudo as que reflectem sobre sociedades em mudança e novas formas de interacção no contexto da globalização. O conceito de património, próximo do de identidade, posto ser no passado que se encontram os fundamentos das construções identitárias, tem igualmente sido alvo de manipulações várias e vem adquirindo novos contornos que vão muito além dos marcos físicos e das centralidades espaciais de outrora. O presente artigo visa contribuir para uma discussão actual dos dois conceitos, na perspectiva não só das novas configurações que os atravessam, mas também das ameaças que a sua reificação encerra à segurança, à justiça e à liberdade dos povos no contexto global.

Palavras-chave: Cultura, Globalização, Identidade, Informação, *Media*, Património

Nation as narration:

The (*de*)construction of “Yugostalgia” through Kusturica’s
cinematic eye 135

MARCOS FERREIRA

O objectivo deste artigo é o de explorar o cinema de Kusturica, e em especial *Underground* (1995), no sentido de destacar os processos de construção e desconstrução da identidade na Jugoslávia dos anos de 1990. Situa-se, por isso, na encruzilhada em que os estudos (políticos) internacionais se cruzam com os estudos culturais, o que corresponde a um interesse renovado pelas ontologias sociais, *i.e.* pela identidade e todo o tipo de fenómenos ideacionais que produzem uma teia de significados intersubjectivos responsáveis por dar substância e textura ao universo social. Tomo assim como ponto de partida a noção de facto cinemático, da autoria de Cohen-Séat, para tornar mais clara a teoria de Homi Bhabha de que a nação é uma forma de elaboração cultural e narratividade. Uma vez que a comunicação de massas é hoje parte integrante na compreensão do horizonte de uma nação, a perspectiva do realizador de cinema torna-se um mediador privilegiado na leitura e narração da nação.

Palavras-chave: Balcanismo, Cinema, Jugoslávia, “Jugostalgia”, Kusturica, Narratividade

As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico 157

LUÍS BONIXE

O artigo analisa o discurso jornalístico produzido nas rádios locais em Portugal. Depois de uma breve passagem pelo contexto histórico no qual estas emissoras apareceram e de uma revisão dos principais contributos teóricos, mostra-se, através do estudo de quatro rádios locais, a forma como o jornalismo reproduz as comunidades locais. O artigo termina concluindo que o discurso jornalístico das rádios locais portuguesas se tem afastado das questões e dos temas das comunidades onde se inserem.

Palavras-chave: Jornalismo radiofónico, Rádio, Rádio local

entrevista 171

Marketing das Artes: importância e actualidade 173

– entrevista a François Colbert

RITA CURVELO

recensões..... 181

Lucia Santaella, *Navegar no Ciberespaço. O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo*
(RITA FIGUEIRAS)

Paul Gilroy, *After Empire. Melancholia or Convivial Culture?*
(ISABEL CAPELOA GIL)

João Paulo Faustino, *A Imprensa em Portugal: Transformações e Tendências*
(ROGÉRIO SANTOS)

Rita Figueiras, *Os Comentadores e os Media – Os Autores das Colunas de Opinião*
(ISABEL AGUILAR)

montra de livros..... 193**teses defendidas..... 199****abstracts 203****próximos números209**

Editorial

Quem somos e o que queremos

ISABEL CAPELOA GIL

No território fluido do nosso mundo global, onde as categorias tradicionais se fragmentam, favorecendo a emergência de novos paradigmas, as ciências da comunicação adquirem uma centralidade quase programática enquanto modelo auxiliar de decifração do tecido sociocultural em nosso redor. Conscientes de que a realidade chega ao sujeito da percepção de forma cada vez mais indirecta, mediada e re-mediada sob a forma de discursos sistémicos e anti-sistémicos, académicos, políticos, sociais, económicos e religiosos, o estudo da comunicação apresenta-se como determinante para cartografar o território complexo da nossa modernidade. E se é certo que o fenómeno da comunicação, para além de constituir uma característica fundamental na autodefinição do humano, abrange todas as formas de interacção entre indivíduos, grupos e sociedades, todos os modos discursivos, do verbal ao visual, certo é também que ele se constitui enquanto manifestação daquele que Alain Touraine recentemente resumiu como o novo paradigma da nossa contemporaneidade: o cultural.

Todavia, se em termos metodológicos a articulação entre os dois termos surge como natural e necessária, pois que toda a comunicação pressupõe a transmissão de valores culturais, e a cultura, nas suas diversas manifestações, se constitui como processo mediado e em devir, o diálogo disciplinar entre os campos emergentes das ciências da comunicação e dos estudos de cultura, se bem que consentido,

não deixa de apresentar tensões. Assim, olhar para a comunicação como modo de produção cultural pressupõe desde logo o cultivo de um modelo dialógico e semiótico de interpretação dos *media* enquanto estruturas de representação, produtos culturais situados e, como tal, sujeitos a uma análise cultural, também ela pautada por mecanismos de diferenciação, construtividade e contingência. Todavia, se para a análise das práticas ficcionais a dimensão representacional dos estudos de cultura apresenta um potente modelo teórico, não deixa de se revelar problemática quando articulada com a prática da informação. Aqui, o modelo que assenta na análise das contingências das práticas culturais – históricas, económicas, políticas e sociais –, e que neste contexto encara as notícias, como referiu Stuart Hall, como mais um modo de produção cultural, colide com a lealdade ao que Toby Miller denominou as «tecnologias da verdade», a procura de transmitir uma história que resuma factos de forma verdadeira. Trata-se então de discutir não apenas o modo como o espaço simbólico enquadra e cria a informação como constructo e define os jornalistas como produtores desse sistema, mas também o jornalismo enquanto realização de uma prática que se relaciona com a realidade de modo referencial e icónico.

Sem desejar evitar as tensões de paradigma, mas buscando contribuir para sobre elas reflectir, o projecto editorial da revista *Comunicação & Cultura* apresenta-se como pronunciadamente interdisciplinar e auto-reflexivo. Partindo da concepção de que todo o conhecimento é mediado e enformado por um sistema de valores simbólico, este projecto escreve-se na linha de sutura entre áreas disciplinares diversas, mas complementares, a das ciências da comunicação e dos estudos de cultura, e assenta na consciência de que, apesar de nenhum mapa conceptual poder abranger a totalidade do território fluido em que nos movemos, a iluminação recíproca dos campos de saber trará um contributo renovado para a comunidade académica em que nos situamos.

Trata-se, por isso, de um projecto editorial de fronteira, transgressivo no cruzamento de saberes, explorador na inspecção dos paradigmas epistemológicos em vigor, auto-reflexivo e em devir, pressupondo uma continuada reflexão crítica sobre as questões centrais do nosso tempo, bem como uma ponderação sobre o seu próprio processo de construção enquanto instrumento de saber. Após uma apreciação global das revistas de especialidade publicadas em Portugal, acreditamos estarem criadas as condições para uma nova revista que, conciliando a reflexão local com as tendências globais, a investigação nacional com o estado da arte ao nível internacional, se centre no campo de confluência entre a comunicação e a cultura.

Porque desejamos estabelecer uma interacção com o meio científico português da área das ciências da comunicação e propiciar uma reflexão alargada, constituímos um Conselho Editorial plural, interuniversitário e aglutinando as áreas

de especialidade que confluem na teorização deste campo do saber. Desejamos revitalizar a discussão académica, teorizando para rever as práticas e articulando a experiência com a conceptualização. Do mesmo modo, desejamos encetar um diálogo profícuo com a comunidade académica internacional, tornando-nos não apenas espaço de reflexão e acompanhamento dos desenvolvimentos teóricos mais recentes, mas também acolhendo e discutindo a investigação internacional de excelência, e ao mesmo tempo pautando-nos pelos critérios de selecção e *peer-review* que caracterizam as mais reconhecidas revistas da especialidade. O processo de internacionalização da revista *Comunicação & Cultura* constitui-se, assim, numa estratégia de três níveis, a saber: a constituição de um Conselho Consultivo internacional, integrado por investigadores de referência nas suas áreas de intervenção, e que tem uma função de aconselhamento estratégico junto da Direcção; a apresentação, em cada número, de um artigo internacional de referência; e o estatuto de revista trilingue, aceitando artigos em português, inglês e espanhol, e potenciando a internacionalização não apenas pela via receptiva, mas, sobretudo, permitindo a divulgação dos trabalhos publicados junto de públicos exteriores às fronteiras da academia de expressão portuguesa.

Postulando os valores humanistas da defesa da dignidade humana, do reconhecimento da diferença e da diversidade como vectores centrais para a construção de uma saudável cultura democrática, a revista *Comunicação & Cultura* apresenta-se como projecto plural, espaço de abertura ao novo, de exploração de novas práticas; como nova cartografia do vasto território da comunicação na contemporaneidade.

Lisboa, 8 de Abril de 2006

Introdução

A cor dos *media*: mediação, identidade e representação

ISABEL CAPELOA GIL *

Medeia: E, agora, para onde hei-de voltar-me? Para a casa paterna e para a minha pátria, que traí por amor de ti, vindo para este país? [...] Se me expulsarem e eu fugir desta terra, privada de amigos, sozinha, com os filhos, sozinhos, bela honra para o recém-casado, que vão errantes como mendigos, os teus filhos e eu – a que te salvei.

Jasão: Recebeste mais do que deste para me salvar, como te vou demonstrar. Em primeiro lugar habitas na terra dos helenos, em vez da dos bárbaros, conheces a justiça e sabes usar das leis sem recorrer à força. Todos os gregos perceberam que eras sábia e tornaste-te famosa; se habitasses nos confins da terra, não se falaria de ti.

Eurípides, *Medeia* (vv. 501-502; 511-515; 534-540)

Apesar das roupagens arcaicas em que nos habituámos a pensá-la, a Medeia da tragédia homónima de Eurípides subsume de modo notável as tensões culturais que caracterizam a modernidade tardia. Estrangeira deslocada, mulher excluída do quadro da cidadania, esta personagem limítrofe ao *ethos* grego apresenta uma certa genealogia da confluência entre migração, diáspora e deslocamento, de um lado, e mediação e representação, por outro, vectores que Arjun Appadurai define como fundamentais da teoria da modernidade (Appadurai, 1996: 3). Marginal às ordens do poder, do saber, da etnia e do sexo, a feiticeira da Cólquida surge perante Jasão, o grego, personificando a absoluta diferença, o Outro exilado, trazido das margens geográficas para a centralidade cultural da *polis* grega. Disruptiva desta perspec-

* Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa

tiva central, ancorada na geografia continental da Hélade, a estrangeira corporiza o movimento migratório, o fluxo epistemológico e a consequente hibridação, encarnada no produto do contacto antropológico, os dois filhos. Figura ainda a deslocação da percepção, mas também o desenraizamento, postulando um modelo cultural assente na interacção e no diálogo, construído «através da diferença», nas palavras de Stuart Hall, mas rejeitado pelo *ethos* jásónico. A desterritorialização torna-se, deste modo, sinónimo de exclusão social e política, sedimentada na memória cultural pelo texto trágico.

Ancorada na geografia territorial do centro, a fala de Jasão figura essa fixidez (*fixity*) que Homi Bhabha atribui às representações do Outro (Bhabha, 1992) e que naturaliza a diferença, justificando-a pela marginalidade geográfica, que ao mesmo tempo se torna uma exclusão sociocultural, antropológica e política. A hegemonia do centro surge através da formulação do sistema legal, que supera o reino da violência desregrada, e da ordem do saber. O sentimento de deslocação enunciado por Medeia é assim relativizado por Jasão, que desvirtua a consciência de exílio através da afirmação de que a identidade da companheira e o seu estatuto na metrópole grega são directamente dependentes do seu reconhecimento pela microfísica dos poderes do centro e da sua capacidade de disseminação. Nesta perspectiva, Medeia é porque Jasão e Corinto a dão a conhecer. Encontramo-nos, assim, perante uma dupla forma de mediação. Na economia textual, Jasão faz depender a existência de Medeia do reconhecimento pelos poderes do centro, logo, fazendo depender a fama que lhe atribui à mediação destes mesmos poderes. Na verdade, a própria configuração do espectáculo trágico se submete a este princípio, uma vez que a tragédia apresenta Medeia em segunda mão; isto é, antes de surgir em palco, a figura é introduzida pela fala de diversas personagens, a Ama, o Pedagogo, o Coro, que constroem desde logo a representação da personagem. Por outro lado, ao nível do macro-sistema literário e cultural, a consagração de Medeia enquanto paradigma da exclusão racional, personagem estranha ao *ethos* cultural do Ocidente, esteve directamente dependente dos processos de mediação e disseminação do texto trágico, a partir do etnocentrismo grego, passando pela Antiguidade latina e depois pelos vários discursos da tradição europeia, pelo que, no campo da recepção, nos encontramos todos na posição de Jasão. Medeia é o que os discursos da tradição nos deram a conhecer.

Desterritorializando mais uma vez a mulher sem terra, podemos efectivamente verificar na dinâmica ambivalente de Medeia, a consignação mediática dos fluxos diaspóricos da modernidade. Nos dias de hoje, como no século v a.C., Medeia figura a deslocação das identidades, as tensões entre os mecanismos de integração e exclusão, entre a diferença cultural e a assimilação, mas sobretudo enuncia o po-

der disseminatório dos discursos, a inalienável interdependência entre representação e mediação, entre a tecnologia dos *media* e os seus poderes, e os processos de representação e auto-representação das identidades. Talvez por isso, Medeia se assemelhe a muitos de nós...

Escolhido como tema central do primeiro número da revista *Comunicação & Cultura*, «A cor dos *media*» articula de modo paradigmático a vocação académica da revista, situada entre as Ciências da Comunicação e os Estudos de Cultura. Procura, assim, conciliar o cromatismo cultural que marca as sociedades do século XXI, e que se afirma quer como riqueza, quer enquanto ameaça, com os processos semióticos de construção das identidades individuais e colectivas e o contributo dos *media* para a sua sedimentação. Num momento cultural e político marcado tanto pelo incremento dos discursos de diálogo intercultural, como pelo radicalizar dos discursos de exclusão, acentuando uma diferença cultural que minoriza, em vez de dignificar, que atemoriza em vez de enriquecer, são abundantes os acontecimentos mediáticos onde o cromatismo das perspectivas se cruza com a cor da etnicidade, da religião, do regionalismo ou do nacionalismo.

O arrastão de Carcavelos, o debate em torno dos *cartoons* de Maomé ou mesmo os conflitos étnicos nas periferias das grandes metrópoles francesas são exemplos da vertente conflitual, que marca igualmente a interacção entre culturas e onde não radicam apenas as sementes da xenofobia e da violência, mas também energias produtivas para um entendimento renovado. Nestes acontecimentos de 2005 e 2006, os *media* surgiram, como habitualmente, no papel híbrido de mediadores/produtores do evento. O cromatismo das mediações, entre a cadeia de televisão Al-Jazeera e a americana CNN, o jornal *Público*, ou o alemão *Die Zeit*, reflecte simultaneamente os lugares da enunciação e da interpelação, o lugar sócio-histórico donde se diz articulado com o chamamento do que e para onde se diz.

«A cor dos *media*» apresenta assim um *dossier* de artigos temáticos, que, de uma perspectiva teórica e teórico-empírica, aborda a interacção entre os *media* e a representação das identidades, no cruzamento de encenação e autenticidade, de *mediascapes* e *ethnoscapes* (Appadurai, 1996). O cromatismo do volume entende-se também nas diversas abordagens metodológicas que se entrecruzam e reciprocamente se iluminam, articulando, assim, a teoria social com os estudos empíricos dos *media*, a teoria da cultura ou os estudos de património com os estudos fílmicos.

O artigo de abertura, da autoria do sociólogo inglês Stuart Hall e denominado «Identidade cultural e diáspora», apresenta uma genealogia dos processos sociais de construção de identidade, a partir do estudo de caso da diáspora caribenha e

do papel que nela desempenha o emergente cinema do Caribe. Contestando uma concepção reificada homogénea e arqueológica da identidade, fundamentada no passado e na dominação do olhar ocidental sobre a subalternidade colonial, Hall postula uma nova forma de entender a identidade cultural, baseada na diferença e no devir. O reconhecimento das identidades apresenta-se, deste modo, como tarefa plural de reposicionamento, revisão e recriação. As identidades definem-se assim como «[...] os nomes que atribuímos às diferentes formas como nos posicionamos e somos posicionados pelas narrativas do passado». (Hall, 2006: 24). Acentuando a articulação dinâmica entre as diferentes localizações étnicas, religiosas, sexuais e sociais dos sujeitos caribenhos, Hall privilegia, contudo, o sentido de pertença, que suplanta a diáspora, corporizado no reconhecimento daquilo que se poderia chamar em contradiscurso uma «africanidade essencial». Não se trata, todavia, de uma reificação étnica, que surge como ameaça nos discursos nacionalistas, mas de uma africanidade transdiscursiva e constituída pela partilha de experiências, de histórias comuns, e que erige as identidades em resultados de práticas culturais marcadas pela continuidade e pela ruptura, contestando, por um lado, e hibridando-se, por outro, com as narrativas hegemónicas tradicionais. Esta dinâmica entre continuidade e ruptura no relacionamento com as histórias do passado encontra-se de novo reflectida no estudo de Margarida Lima de Faria e Renata Mendes de Almeida «A problemática da “identidade” e o lugar do “património” num mundo crescentemente cosmopolita», onde as autoras reflectem sobre as práticas de mediação do património no mundo global. Articulando o ideal cosmopolita com a revisão do passado, não mais um «país estrangeiro», como referiu David Lowenthal, mas uma localização dinâmica e criativa, informadora das práticas culturais do presente, chamam a atenção para o centralismo dos processos de difusão da herança patrimonial, controlados pelos grandes centros metropolitanos, e para a ameaça «[...] de novos fenómenos de exclusão do processo de comunicação global, que ultrapassam largamente a questão da participação nos processos de criação». (Faria, Mendes, 2006: 130).

Centrando-se nos processos de hibridação cultural, tecnológica, política e económica, o artigo de Roberto Carneiro, «Hibridação e aventura humana», apresenta a hibridação como tópico orientador das sociedades globais, um fenómeno total que abrange desde os *media* aos mercados de capital, do comércio internacional aos movimentos de população, da geoestratégia ao *marketing*, e em que se distinguem dois vectores fundamentais, a que chama a hibridação cultural e a hibridação sócio-tecnológica, resultante da aceleração do tempo histórico. Que, no cromatismo das sociedades multiculturais, a hibridação deixa de ser hipótese, mas se torna necessidade, contribuindo para «o cultivo da humanidade», apresenta-se

como tese fundamental do autor, que considera o paradigma cultural, enformado por processos de contaminação e miscigenação, como fundador da modernidade dinâmica e global, operando nos espaços comunicacionais da sociedade em rede, também ela localizada no interstício híbrido da diversidade.

Os ensaios de Marcos Farias Ferreira, «Nation as narration: the (*de*)construction of “Yugostalgia” through Kusturica’s cinematic eye», e Luís Bonixe, «As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico», exploram de forma diferenciada o colorido da paisagem mediática e o modo como o meio (*medium*) se constitui em aparato tecnológico de identidades diversas. A partir de um estudo representativo de *Underground* (1995) de Emir Kusturica, Marcos Farias Ferreira apresenta o modo como o filme, enquanto instituição social, se relaciona com os modelos de construção e desconstrução do balcanismo, ao mesmo tempo que aproxima, com base na teorização cultural de Homi Bhabha em *Nation and Narration*, as estratégias narrativas de constituição da nação com os processos narrativos de construção do evento fílmico. Defendendo a produtividade do cinema enquanto modo de significação pertinente para uma leitura cultural dos estudos políticos, o autor apresenta *Underground* como exemplo materialmente representativo da condição narrativa da vida política, «[...] *the key to think beyond reified narratives of sovereign subjectivities*» (Ferreira, 2006: 152). Por seu lado, Luís Bonixe aborda a genealogia das rádios locais em Portugal e o contributo para o sedimentar da democracia, demonstrando o seu papel para a afirmação das identidades regionais e locais e o incentivo ao cultivo de novas práticas discursivas em meio radiofónico. Dando inicialmente voz a grupos com representação mediática reduzida, como era o caso dos ambientalistas, as rádios locais acabaram por ceder ao longo dos anos 90 à lógica de mercado e aos constrangimentos organizacionais das emissoras, que conduziram a um mimetismo uniformizador, colado à agenda dos *media* nacionais e resultando num empobrecimento da representação das identidades locais.

O papel da televisão e do jornalismo televisivo nos processos de representação e auto-representação sociais tem constituído um dos temas centrais da investigação sobre os *media* nas últimas décadas, muito impulsionado pela sua articulação com os Estudos Culturais desenvolvidos, sob a batuta de Stuart Hall, no recentemente encerrado Centre for Contemporary Cultural Studies. Catarina Burnay, num estudo seminal, representativo deste cruzamento, aborda o modo como o desenvolvimento da ficção televisiva portuguesa nas últimas décadas tem alterado os modelos de significação dos espectadores portugueses, em particular das mulheres. Isabel Ferin e Catarina Valdigem problematizam a tensão dialéctica que resulta do olhar institucional, encenado em contexto televisivo, e a autoconsciência identitária de minorias étnicas, articulando-os com a autopercepção dos mecanis-

mos de exclusão a que estas estão submetidas. Em «Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão», Isabel Ferin apresenta um estudo de caso sobre modos de autopercepção identitária de mulheres brasileiras e ciganas, a partir do visionamento de duas peças televisivas tipo sobre os grupos sociais alvo, e contextualizado pela cultura televisiva por elas partilhada. Revelando o papel central da televisão, quer no âmbito da ficção quer no do jornalismo televisivo, na construção das identidades situadas destas mulheres, o estudo reflecte sobre os processos de interacção especular entre a representação televisiva do grupo e a autopercepção individual, reconhecendo, todavia, nos processos de representação traços discriminatórios que atravessam o fosso conceptual entre o ecrã e o real, interferindo efectivamente nas práticas quotidianas destas mulheres. Partindo igualmente do quadro metodológico dos estudos empíricos de televisão, Catarina Valdigem, em «Brasileiros e ciganos no *prime-time* português: estudo de caso», alarga o objecto de estudo para englobar a representação destas minorias étnicas nos três canais generalistas durante um período de dois meses e meio, em 2004, marcado por acontecimentos de grande repercussão mediática, como o Rock in Rio Lisboa ou o Euro 2004. Observando traços de intertextualidade temática entre o tratamento jornalístico e ficcional de brasileiros e ciganos, a autora explora os mecanismos de narratividade transdiscursiva que subjazem aos processos de representação e que se por um lado reproduzem convenções sociais e valores dominantes, por vezes discriminatórios, por outro, «[...] fomentam a defesa dos interesses das minorias», dando-lhes visibilidade e contribuindo para o sedimentar da cultura de paridade democrática.

Retornando ao tópico inicial, poderemos então concluir que a vitalidade do colorido mediático se encontra precisamente nesse fluxo informativo que perpassa todo o espaço público, com registos convergentes e dissidentes, onde afinal há espaço para enunciações diferenciadas, fundadoras de uma cultura da comunicação. Ao contrário de Medeia...

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun (1996), *Modernity at Large. The Cultural Dimensions of Globalization*, Minnesota: Minnesota University Press.

BHABHA, Homi (1992), *The Location of Culture*, Londres: Routledge.